

Apelo ao bom senso

Eu ainda não tinha nascido quando o presidente Balmaceda se suicidou. Assim, não sei dizer o que as pessoas sentiram. Não sei se foi ele próprio, ou os outros, os responsáveis pela sua morte. Nem sei se a sua morte foi desejada pelos chilenos. Não sei se houve quem se rejubilasse com a sua morte.

Eu tinha 13 anos quando o mahatma Gandhi foi assassinado. Não sei se houve quem se rejubilasse com a sua morte.

Eu tinha 18 anos quando Getúlio foi morto. Seu suicídio a todos pegou de surpresa. Revejo as fotos das multidões que acompanharam seu caixão, e empastelaram jornais. Lembro dos discursos emocionados à beira do seu túmulo, de Tancredo, de Osvaldo Aranha. E lembro que, na Faculdade de Direito de São Francisco, onde eu era calouro, alguns estudantes soltaram rojões.

Eu tinha 29 anos quando houve o golpe de 1964. João Goulart era homem da fronteira, mas seu ânimo era pacífico. A ele devemos não termos mergulhado em guerra civil.

Eu era bem adulto, tinha 38 anos, quando mataram o presidente Allende. As tropas invadiram o palácio presidencial de La Moneda, aviões o metralharam.

Sei como é a causalidade social. Sei que a própria previsão dos fatos pode inviabilizá-los, o que os torna ao mesmo tempo tão irreversíveis quanto reversíveis. Depois de realizados os efeitos ruins, é possível ver com clareza quais ações poderiam tê-los evitado. Então, há quem diga: “bem feito”. Alguns falam: “não disse?” E, outros: “eu não sabia”. Muitos, só aí, são capazes de enxergar os fatos em sua real dimensão. Poucos percebem a própria contribuição para esses fatos, sua corresponsabilidade. Antes, seria possível impedi-los. Mas, depois, não se pode revertê-los. Pessoas maldosas se alegram. Pessoas decentes se arrependem.

Sei que dramatizar não é bom. Mas que, não obstante, a história é dramática.

Sei que Lula não foi condenado a cumprir pena em solitária, e quem o isola, sem que tenha cometido infração disciplinar, deseja matá-lo. Chico

Pinheiro está enganado; o lugar onde puseram Lula é o pior de todos onde já estive: ele está longe das pessoas, que são a razão de sua vida. Uma corda se estica até o ponto em que se pode romper.

A expressão popular “agora Inês é morta” tem fundamento real. Leio que, “segundo a lenda, as lágrimas derramadas no rio Mondego pela morte de Inês de Castro teriam criado a Fonte das Lágrimas da Quinta das Lágrimas, e algumas algas avermelhadas que ali crescem seriam o seu sangue derramado.”

Aqui é diferente. Uma vez, no Vale do Ribeira, a região mais pobre do Estado de São Paulo, assisti ao enterro de uma criancinha. Ao narrá-lo, num conto, escrevi: “na curva do ribeirão, junto ao povoado, enterro de criança: o caixãozinho azul e branco, o cortejo modesto em roupas de domingo; no céu, o bando álcere de maritacas encobre qualquer soluço; são secos os olhos desse povo”.

Sei ler um discurso nas entrelinhas.

Ouçam uma comparação tirada da figueira: quando seus ramos estão já tenros e as folhas brotam, vocês sabem que está próximo o verão (Mc 13,28).